

Peregrinações ao Vêneto: ou como aprender a encontrar suas origens*

Pèlerinages en Vénétie : ou comment apprendre à retrouver ses origines

Alessia de Biase**

A LEI DA DUPLA NACIONALIDADE FOI DECRETADA na Itália em 1992¹ e em 20 de dezembro de 2001 a lei que permite o voto dos italianos residentes² no estrangeiro foi definitivamente promulgada.

Estas duas leis esperaram quase 50 anos para serem novamente repostas em discussão: depois da II Guerra Mundial, o primeiro governo, o de De Gasperi, que reunia os dois maiores partidos políticos da época, a DC (Democracia Cristã) e o PCI (Partido Comunista Italiano), retirou imediatamente a possibilidade de voto aos italianos residentes no estrangeiro, com medo de uma volta do fascismo ao poder, uma vez que a grande onda de emigrados que deixaram o país nos anos 20 e 30 caracterizava-se por um grande número de partidários do partido fascista, que teriam seguramente votado na direita quando de uma eleição.

* Artigo convidado.

** Alessia de Biase est architecte-urbaniste et docteur en anthropologie. Elle dirige le Laboratoire Architecture Anthropologie (LAA, UMR 7218 LAVUE CNRS / Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Paris la Villette), enseigne à l'Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Belleville et l'EHESS. Elle a travaillé sur les processus de construction identitaire, plus particulièrement sur le Brésil contemporain, et aujourd'hui elle étudie les processus de construction de l'imaginaire urbain contemporain en prêtant une particulière attention à la fabrication des outils méthodologiques interdisciplinaires. Parmi ses écrits, elle a publié: 2009 de Biase A. et Coralli M. *Espaces en commun*. Nouvelles formes de penser et habiter la ville. Paris: L'Harmattan; 2009, de Biase A. *Vénitiens dans la Pampa*. Anthropologie d'une double identité au Rio Grande do Sul. Brésil, Paris: L'Harmattan (traduction en portugais en cours); 2008 Berque A., de Biase A., Bonnin Ph.(dir.). *L'habiter dans sa poétique première*. Paris: éd. donner lieu; 2007 de Biase, A., Bonnin, Ph. (dir.). Abécédaire de l'anthropologie de l'Architecture et de la ville, numero thématique des *Cahiers de la recherche urbaine architecturale et paysagère*, n°20-21, mars; 2006 Biase A. de et Rossi C. (dir.). *Chez nous*. Identités et Territoires dans les Mondes Contemporains. Paris: Editions de La Villette.

¹ Lei n° 91 de 05/02/1992.

² Modificação dos art. 56 e 57 da Constituição Italiana.

Durante estes 50 anos, as duas leis foram propostas diversas vezes pela direita no Parlamento, sem nenhum resultado.³

A partir dos anos 90, a esquerda e o centro aceitam a retomada da discussão destas duas leis, talvez porque eles não temiam mais a volta da direita fascista ao poder, mas sobretudo em virtude da descoberta da história da emigração italiana no mundo⁴: um tipo de reconhecimento oficial da dívida moral em relação aos “filhos expatriados” que contribuíram para a construção da Itália moderna.

A construção de uma comunidade italiana internacional⁵, calcada no modelo do *Commonwealth* inglês ou da Francofonia francesa⁶, isto é, a construção de uma associação dos países que pertenciam a dois mundos diferentes em torno de uma tradição cultural e política, começou, em certo sentido, com a difusão por satélite da “Rai Internacional”, que retransmite as informações e os espetáculos italianos que devem representar a Itália no mundo de hoje e em sua comunidade internacional.

A proposição de uma comunidade italiana internacional teve, entre suas finalidades prioritárias, a de “prestar homenagem” aos emigrados italianos que divulgaram a cultura e a língua italiana no mundo, mas ela representa também um jogo econômico – a exportação massiva do “made in Italy” como marca de qualidade –, e ao mesmo tempo ela sofreu uma certa exploração política por parte dos partidos que entreviam nela uma possibilidade de ampliar sua base eleitoral, sobretudo a partir do momento em que a lei pelo voto do estrangeiro foi promulgada.

Nos últimos anos – a partir do ano 2000⁷ –, a luta pela obtenção do voto do estrangeiro foi fortemente promovida pela Liga do Norte e pela associação *Padani nel Mondo*, cujo presidente é o linguista Meo Zilio, que começaram a entrever neste ano não somente a eventualidade de alargar sua base eleitoral, mas sobretudo a possibilidade

³ É importante observar que esta luta da direita foi empreendida durante estes 50 anos por Mirko Tremaglia, cuja história começa na República de Salò durante a época fascista, sob a diretriz do MSI (Movimento Social Italiano, antigo partido fascista), e nos dias de hoje pelo Ministério para os Italianos no Estrangeiro, criado pelo governo Berlusconi, do qual ele é ministro. A lei pelo voto do estrangeiro decretada em 2001 é conhecida como “Lei Tremaglia”.

⁴ Ao longo deste período a Itália não é mais, há dez anos, um país de emigração, tornando-se de pleno direito um país de imigração.

⁵ RICCARDI, A. “A che serve la Comunità Italiana”. *Limes*, 1/98, março 1998.

⁶ Em bases históricas opostas: o inglês e o francês eram fruto de uma colonização antiga, enquanto o italiano é o resultado possível de uma emigração.

⁷ Em 1999, a Liga votou contra a lei que considerava inadmissível a expansão do direito de voto para os que não residiam e não pagavam impostos na Itália.

de fazer “retornar” os descendentes dos emigrados vênets a sua terra de origem para combater a entrada dos imigrantes africanos na Itália.

Deve-se sublinhar o interesse da Itália, se soma aos dos nossos descendentes que esperam somente isto, a facilitar o retorno, com a prioridade sobre todas as demais etnias, destas pessoas, as nossas, que têm a mesma matriz cultural que nós, que falam a nossa língua (ou eles têm a possibilidade de aprendê-la facilmente), que praticam nossa religião e que por vezes têm diretamente parentes distantes nas regiões de origem. Mas há também o aspecto psicológico e moral dos descendentes – nós podemos fazer referência emblematicamente ao Brasil do Sul, onde vivem milhões de emigrados – que há cem anos transmitiram, através de gerações, o sonho de conhecer a terra de seus ancestrais de que sempre ouviram falar (quase um mito) por seus pais, avós e bisavós. [...] Entretanto, com uma grande coragem, e uma paciência de beneditino, uma força de espírito inacreditável, uma resistência moral que tem algo de heroísmo, sem falar de sua resistência física... eles conseguiram sobreviver apesar de tudo, mas eles criaram em seu território um milagre econômico e social que honra a Itália, e visto que a maior parte é *padana*, honra a Padânia [...]. Não apenas reconhecemos o direito de voto, mas também aquele de retornar para se estabelecer na terra que seus ancestrais deixaram. Não é possível que o neto de vênets ou de sardos que desejam se instalar no Vêneto ou na Sardenha encontre um país que não está pronto para acolhê-lo, enquanto este mesmo país se deixa afogar por uma onda de imigração extra-comunitária incontrolada.⁸

Lendo estes artigos e analisando as promoções sucessivas que as diferentes prefeituras vênets da Liga fizeram para acelerar este “retorno” dos descendentes vênets – brancos, louros, olhos azuis – a fim de se salvar da “conquista dos Mouros contemporâneos”, me vem ao espírito uma correspondência bastante evidente. Não há mais de um século Dom Pedro II pretendia branquear a raça através da imigração vêneta para se salvar da “maré negra” causada pelo fim da escravidão. Ele promete trabalho, terra e habitação aos camponeses vênets, ele constrói, com o governo italiano, como a primeira parte deste trabalho analisou, o imaginário de um verdadeiro país de Cocanha.

Resgatar o Vêneto e o Norte da Itália em geral – a Padânia à qual Meo Zilio se refere – da “maré negra” dos imigrados africanos e norte-africanos é primordial. Eles sustentam que apenas podem se salvar da diferença e do choque cultural causados pelos imigrados fazendo entrar outros vênets e admitindo assim que a cultura vêneta no Sul do Brasil restou intacta e pura.

⁸ ZILIO, G. M.. “La Lega e il voto degli italiani all’estero”. *La Padania*, 19 fevereiro 2002. Tradução da autora, vertida ao português.

Este jogo de transposição pode continuar e se descobre que os agentes de emigração do século anterior que se ocupavam de dar publicidade ao Brasil magnífico, para fazer partirem as pessoas, mas também para cuidar de todos os aspectos administrativos (passaportes, bilhetes de viagem...), são substituídos no mundo contemporâneo pelas figuras dos presidentes e dos membros das associações, e, em geral, pelos partidários do movimento identitário vêneta no Rio Grande do Sul. As associações locais como a *Massolin de Fiori*, ou a internacional *Padani nel Mondo*, tiveram entre suas atividades a de ajudar os descendentes na preparação do dossier para adquirir a dupla nacionalidade, o passaporte italiano, e a de organizar as viagens “iniciáticas” ao Vêneta em busca das origens.

Se no século passado era necessário construir um imaginário que pudesse encorajar os camponeses a abandonar sua terra por um país desconhecido, hoje os descendentes da terceira geração que conhecem – graças à mídia e ao trabalho de construção identitária feito desde os ideólogos do Movimento Cultural Italiano (MCI)⁹ – o Vêneta e sua pujança industrial, como eles poderiam ser incentivados a abandonar sua situação no Brasil?

A Liga, através de seus discursos e em torno de seu desejo de ver voltarem para casa *seus* descendentes no rico e industrial Vêneta, que deviam substituir a imigração africana, explorou a crise econômica dos últimos anos, mas poderá ela, hoje, continuar a fazer face à nova força econômica brasileira? Nenhuma explicação foi dada a eles referente ao tipo de trabalho que os esperava no famoso distrito industrial vêneta: o mesmo que os imigrados africanos foram obrigados a fazer porque nenhum italiano aceitava mais. Da mesma maneira que – continuado o jogo sempre mais inquietante da transposição histórica – há um século Pedro II e o governo italiano não tinham jamais declarado que os italianos emigrados teriam que substituir os escravos negros nas plantações de café brasileiras.

A Liga, apoiada pelos ideólogos do MCI que agiam diretamente *in loco*, começou a subvencionar as viagens ao Vêneta dos grupos de prefeitos de pequenas cidades brasileiras do Rio Grande do Sul para criar cidades gêmeas. Em julho de 2001, uma

⁹ Movimento fundado por descendentes da terceira geração, nos anos 1970, no meio universitário de Porto Alegre. Como todo movimento nativista desta época, em todos os lugares do mundo, este tinha por objetivo “readquirir” as origens culturais vênetas esmagadas pela ditadura. “Língua” e tradições (folclore) foram, e são ainda, os grandes cavalos de batalha deste grupo, que pouco a pouco viu e aprendeu, graças a sua forte ligação com a Liga do Norte a partir do início dos anos 80, seu forte valor político.

mudança de escala: o estado do Rio Grande do Sul é oficialmente geminado com a região do Vêneto. Estas cidades gêmeas permitiam oficialmente haver, marcando sempre a importância do aspecto local do projeto, um intercâmbio cultural e econômico mais fácil entre os dois países – estágios para os jovens nas indústrias e projetos de cooperação –, mas dentro da realidade estes dão aos industriais vênéticos a possibilidade não apenas de obter mão de obra de baixo custo no Vêneto, mas, sobretudo, de se globalizar ainda mais, vendendo mais facilmente sua tecnologia ao Brasil e implantando suas sucursais a baixo custo.

Por outro lado, os ideólogos do movimento desejaram esta “incursão industrial vêneta” ao Rio Grande do Sul para aumentar a força econômica e então política da região em face do Estado e construíram eles também seus discursos sobre a proximidade cultural.

Mais de uma vez, durante minhas pesquisas de campo no Rio Grande do Sul, encontrei grupos de industriais vênéticos que estavam no Brasil para estabelecer acordos com as comunidades locais para a implantação de indústrias. Durante suas temporadas, os ideólogos do movimento argumentavam enormemente sobre a facilidade das relações e sobre a impossibilidade de um choque cultural, levando em conta a semelhança cultural: não apenas os industriais não seriam obrigados a aprender o português para começar a trabalhar aqui, como eles poderiam continuar a falar seu dialeto, dado que o *talian* é a língua da região, e poderiam continuar a praticar os seus próprios costumes – a cozinha, por exemplo – já que no Rio Grande do Sul todos são vênéticos.

As duas partes, a da Liga no Vêneto, e a dos ideólogos no Rio Grande do Sul, estão utilizando habilmente esta semelhança cultural, construída em todas as suas partes ao longo dos últimos vinte anos, considerando os descendentes da terceira geração não como verdadeiros brasileiros de origem italiana, mas como verdadeiros vênéticos imigrados no Brasil. O achatamento da história no tempo presente – *quem somos e o que fazemos*¹⁰ – e a negação do abasileiramento forçado durante trinta anos são, na opinião deles, a melhor arma a utilizar, mesmo que isto não corresponda exatamente à realidade.

¹⁰ [Em português no original]. Frase frequentemente utilizada nos *slogans* das festas comemorativas da imigração vêneta no Rio Grande do Sul. Ela deseja significar a semelhança entre a ação dos imigrados ao colonizar eles mesmos as terras brasileiras e o desenvolvimento industrial feito por seus descendentes hoje.

A construção de uma saudade vêneta

Os jogos político-econômicos, de que falamos acima, são habilmente escondidos através da exaltação dos sentimentos e da atração que os descendentes têm pelo Vêneto.

O sentimento, tipicamente luso-brasileiro, de saudade¹¹, foi explorado e reutilizado, pelos partidários do movimento, para *educar*¹² os descendentes a desejarem conhecer o Vêneto.

Aqui nós evitaremos traduzir *saudade* como *nostalgia*, que é um sentimento diferente porque ele se refere exclusivamente a pessoas reencontradas e a eventos vividos em primeira pessoa. Não são as experiências individuais e fragmentárias de um amor, de uma viagem ou de uma ausência que constroem a *saudade*, mas é a existência social da *saudade* como alavanca ideológica e cultural, que permite experimentar esta experiência revestida de *saudade*.

Eu sei amar porque eu tenho *saudade*. Eu sei que um lugar me faz falta porque eu tenho *saudade* dele. De acordo com esta mesma lógica, eu posso experimentar a *saudade* de lugares desconhecidos, nos quais eu não vivi, mas onde pessoas caras viveram.¹³

A *saudade* qualifica socialmente os eventos, as coisas, os gostos, as pessoas, os lugares e as relações, independentemente de uma experiência direta e empírica.

Na *saudade* nós temos uma categoria do espírito humano e uma manifestação de uma certa estrutura de valores e de uma ideologia que é profundamente¹⁴ luso-brasileira. Damatta sustenta, em seu ensaio “Antropologia da saudade”¹⁵, que falando o português e sendo membro de uma comunidade luso-brasileira histórica, ele aprendeu, como todos os demais brasileiros, a experimentar a *saudade* da mesma maneira que ele aprendeu a fazer o carnaval, amar o futebol e comer *feijoada*¹⁶...

Os descendentes da terceira geração, ainda que alguns pareçam formalmente esconder sua brasilidade, desejando valorizar exclusivamente sua “venecianidade”¹⁷,

¹¹ N.T.: Em português no original.

¹² Por certo, os descendentes não devem ser *educados* a desejar fazer turismo no Vêneto ou na Itália, mas esta educação visa inculcar o desejo de reencontrar estas raízes que vão além do simples turismo.

¹³ DAMATTA, R. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 21.

¹⁴ ORICO, O. *A Saudade brasileira*. Rio de Janeiro: Editora S.A., 1940.

¹⁵ DAMATTA, R.. *Op. cit.*, p. 21.

¹⁶ N.T.: Em português no original.

¹⁷ N.T.: No original, “vénitiennété”.

estão profundamente integrados na cultura brasileira.¹⁸ A *saudade* é para eles algo muito preciso e integrado em sua visão de mundo e no vocabulário que utilizam para exprimir suas emoções.

Eu tenho saudade do Vêneto, eu nunca estive lá, mas eu tenho uma saudade genética de lá. (M.L. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, agosto de 2001)

A saudade como categoria social é a expressão de uma concepção específica do tempo. A saudade fala de um tempo interior. Através da saudade nós podemos invocar e dialogar com os pedaços de tempo e assim lembrar momentos especiais e desejados. Por isto a saudade engendra uma percepção do tempo como experiência interior que é transmitida de geração em geração.

Passados os momentos difíceis – o período de miséria no início da imigração –, estes podem se transformar em momentos míticos, da mesma maneira que através da saudade certos brasileiros chegam mesmo a idealizar positivamente a ditadura, no seu ardor ingênuo de glorificar um passado idealizado.¹⁹

A saudade se torna, em certo sentido, a expressão obrigatória de um sentimento.²⁰ ela é uma construção cultural e ideológica. Da dor ao riso. Do amor ao ódio, do esquecimento à saudade, os sentimentos são marcados e impostos pelo sistema que nos informa sobre o porquê de os termos, sobre como nós devemos utilizá-los, e sobre a maneira correta pela qual nós devemos ser englobados por eles.

Através desta palavra, saudade, a senhora M.L., como outros descendentes, aprende, pelas pessoas do movimento, a reunir positivamente por uma segunda vez o Vêneto e o Brasil. Ela me conta, continuando nossa entrevista, que o momento em que ela foi informada sobre a saudade veneta foi tão importante que ela se recorda dele ainda hoje. Ela compreendeu, enfim, que era necessário ter orgulho de ter língua e tradição veneta, em honra e em memória dos imigrados-heróis.

A saudade representa uma modalidade de tempo que, acentuando o passado, apresenta uma memória alternativa a esta visão do tempo e da história certamente mais formal, otimista e “crítica” que nós encontramos nos estudos sobre o tempo feitos por grandes sociólogos e historiadores franceses e ingleses como Halbwachs, Gurvitch e

¹⁸ Por exemplo, em torno de seu pertencimento reivindicado à cultura gaúcha ou sobre as práticas religiosas sincréticas, ver DE BIASE, A.. *Vénitiens dans la Pampa*, Paris: L’Harmattan, 2009.

¹⁹ DAMATTA, R.. *Op. cit.*, p. 24.

²⁰ MAUSS, M.. “L’expression obligatoire des sentiments. Rituels oraux funéraires australien”. *Journal de psychologie*, 18, 1921.

Thompson. Estes revelaram a passagem de uma memória que penetrava todos os espaços sociais – uma memória impressa – a uma memória reificada em um tempo-espaço linear, irreversível, urbano, exterior, e marcado por eventos fundadores bem estabelecidos. Mas esta voz interior da saudade não é uma memória controlada – de maneira racional, progressista e irreversível –, ela é uma memória “encarnada” e personalizada a partir de uma topografia sentimental.

As fronteiras desta topografia sentimental foram construídas pelos ideólogos do movimento, ressuscitando, igualmente através de peças de teatro, todas as dores que os imigrados vênéticos experimentaram durante sua vida e que eles decidiram enterrar em sua memória para dar lugar às lembranças do sucesso no Novo Mundo. Assim os descendentes, encontrando estas histórias que eles escutaram durante sua infância, doravante esquecidas, começam a desenhar uma topografia sentimental que tem fronteiras comuns com os outros, mas que é deformada por cada um de acordo com uma história pessoal. O espaço desta topografia é ingênuo, inocente, não pretensioso, amoroso e certamente *caseiro*. Um espaço que recusa os discursos complicados, as anotações oficiais, as escrituras pomposas e esta linearidade que caracteriza o mundo moderno. Desta forma, o discurso da saudade está situado numa temporalidade doméstica, que não fala de eventos revolucionários, de fatos cruciais ou de datas nacionais irreversíveis e capazes de trazer uma mudança, mas da “aurora da minha vida/ da minha infância querida/ que os anos não trazem mais”.²¹

Os descendentes aprendem assim a chorar pela vida ressuscitada de seus ancestrais e eles se deixam transportar por este sentimento brasileiro de saudade que os conduz a experimentar os mesmos sentimentos pela terra de origem dos seus bisavós. Uma nostalgia de imigrantes do século XIX torna-se hoje uma saudade de uma terra desconhecida pelos descendentes.

As primeiras viagens ao Vêneto, ditadas pelo desejo de conhecer este país de saudade, começam no fim dos anos 80 e representam, no imaginário dos descendentes da terceira geração, a realização do sonho de seus ancestrais de poder enfim “retornar à Itália”.

²¹ DAMATTA, R. *Op.cit*, p. 33. N.T.: Citação do poema “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu.

Viagens ao Vêneto

Estando o *ius sanguinis* em vigor na Itália, para obter o passaporte²² os descendentes devem fornecer documentos históricos – certificado italiano de nascimento ou de casamento e passaporte do bisavô – que comprovam sua ascendência italiana. Estes documentos reencontrados marcam ritualmente e definitivamente sua entrada na “venecianidade”. Estes documentos não se encontram jamais em suas mãos, porque a maior parte dos imigrados não podia pensar que sua certidão de nascimento pudesse servir um dia a seus netos para recuperar uma nacionalidade que eles estavam abandonando.

Encontrar estes documentos é um trabalho em que investem agora a maior parte das associações brasileiras ligadas ao movimento identitário. Elas se propõem a cuidar da pesquisa, em troca de generosas somas de dinheiro, e de organizar a viagem à Itália para aqueles que desejam fazer o retorno às origens.

Os dois percursos, emocionalmente muito diferentes – um através de documentos históricos e o outro através da preparação da viagem –, colocam o descendente em relação com a história de seus ancestrais, aumentando pouco a pouco seu sentimento de saudade de um país que jamais conheceram.

Muitos descendentes que eu encontrei adiantaram sua aposentadoria para se dedicar completamente à pesquisa de sua história. Esta frequentemente se torna tão minuciosa que eles descobriram o prazer da genealogia e da escrita de biografias. Uma “missão” que, no discurso deles, presta homenagem aos esforços de seus ancestrais e que é fortemente apoiado pelos ideólogos do movimento. Estes financiam e publicam estas biografias incentivando cada vez mais estes “novos historiadores” a escrever suas obras em *talian*²³, a fim de constituir um verdadeiro *corpus* literário que possa enfim confirmar esta língua escrita e não apenas oral.

O percurso que conduz à obtenção da dupla nacionalidade é tão longo – dois ou três anos – e tão forte em nível emocional que o objetivo principal é posto em segundo plano em relação às experiências que eles vivem durante este período: a escrita da

²² Um dos discursos muito utilizados pelas associações está ligado ao fato de que com um passaporte de União Europeia é muito mais fácil viajar que com um brasileiro, sendo os descendentes incentivados pelas associações a obter a dupla nacionalidade para garantir a seus filhos um futuro simples.

²³ Koinè dos dialetos que os ideólogos do MCI, ajudados por linguistas vênets, como Meo Zilio, elevaram a língua neolatina, produzindo tudo o que acompanha esta reivindicação: gramáticas, dicionários, literatura...

biografia familiar através de documentos históricos, a viagem ao Vêneto ou ainda o reencontro com a parte da família que ficou na Itália.

As viagens que eles empreendem em busca de suas origens são preparadas por associações, como a *Massolin de Fiori*, que asseguram toda a logística. Estes organizam ainda as reuniões que visam *educar* os futuros viajantes, para que estes não se considerem e nem ajam como turistas, mas como “filhos que retornam ao país”.

A primeira vez que fui à Itália eles não me fizeram ver nada, Florença, Pisa, Roma não existia. Sim, em Roma nós fomos ver o Papa, mas depois eles logo nos colocaram em um trem direto para o Vêneto. Tive que retornar sozinha para ver as belezas artísticas italianas. (G.M, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, agosto de 2001)

Em um certo sentido estas associações não preparam uma viagem de turismo, mas uma verdadeira peregrinação, abençoada pelo Papa, em direção aos lugares sagrados. Como na Idade Média, a viagem não é uma simples aventura, mas se reveste de um aspecto devocional, ela é uma viagem em direção às fontes, ao coração da identidade vêneta.

A estrutura destas viagens ao Vêneto é então essencialmente análoga à de todo tipo de peregrinação: em um primeiro momento ela impõe o percurso de um longo trajeto – avião, trem e ônibus – para chegar ao lugar sagrado dos ancestrais e em seguida ela mergulha o descendente-peregrino, por um tempo relativamente curto, neste mundo, fazendo-o realizar um certo número de práticas rituais: visita à vila de origem, busca da casa da família, passeio ao cemitério para descobrir os ancestrais, encontro com o padre, participação em uma missa com apresentação à comunidade, contato em dialeto *talian* com as pessoas da vila, jantar “ancestral” com as autoridades locais, frequentemente da Liga, para uma formalização, preferencialmente por escrito, da passagem.

Da mesma maneira que os peregrinos da Idade Média²⁴, os “peregrinos da venecianidade” devem expor em sua chegada suas marcas distintivas: fotos de família, imagens de sua casa e de sua terra.

Os organizadores, que percebiam da parte dos vênets que viam este retorno às origens dos descendentes como um perigo para sua herança, aconselhavam levar com

²⁴ Os peregrinos tinham marcas distintivas em relação ao lugar de destino ou de origem – uma palma costurada para aqueles que chegavam de Jerusalém, a imagem sagrada da Verônica sob o chapéu para aqueles que tinham estado em Roma, e o *jacquaire*, uma *coquille Saint-Jacques*, costurado ou desenhado, para os peregrinos que iam a Santiago de Compostela – mas também uniformes, chapéus, casaco, algibeira e um bastão chamado *bourdon*, que era benzido em sua partida.

eles imagens que representassem sua prosperidade. Assim, durante os encontros familiares organizados ou imprevistos, os primeiros momentos de contato são utilizados para encontrar semelhanças fisionômicas entre os membros da família presentes ou em foto, e para assegurar aos vênets, mostrando através de imagens das casas dos descendentes, que eles não estão interessados em sua herança, porque eles têm no Brasil uma situação confortável. Eles devem, em certo sentido, demonstrar aos “autóctones” a autenticidade de sua fé e de seus sentimentos.

O tempo desta “peregrinação ao coração da etnia” é calibrado pelos organizadores para que, aos olhos dos descendentes, estes lugares míticos não caiam jamais na normalidade cotidiana. Este mundo é sagrado se permanece fora do tempo e do espaço.

Souvenirs

Estou sentada na cozinha muito grande e eficiente de meu interlocutor. Uma porta deslizante de madeira divide este espaço do salão. O arco da porta se abre à escuridão, faz-se noite e o salão não é iluminado. Durante a conversa eu percebo que uma luz provém desta câmara escura. Eu dirijo meu olhar em direção a esta luz e vejo uma vitrine no meio deste espaço, cujas dimensões não percebo por causa da escuridão. Esta vitrine, um paralelepípedo de vidro e madeira com duas prateleiras, está iluminado por um *spot* halógeno. De longe eu não compreendo o que ele guarda tão preciosamente. Normalmente encontra-se aí a chaleira e o serviço de chá em prata, o relógio do avô que sobreviveu aos bombardeios da guerra de 1915-1918, antigas rendas de Burano, etc. A curiosidade me leva a perguntar a meu interlocutor de que se trata. Ele me convida, com um ar muito orgulhoso, a descobrir seu tesouro. Aproximando-me, não aparece nenhum dos objetos que eu pensei encontrar aí. Na prateleira superior há terra e embaixo pedaços de tijolos.

Há três anos estive finalmente na Itália, no Vêneto, estive lá onde meu bisavô morava. Em sua vila. Perguntei ao padre se havia ainda alguém da família. Ele me conduziu a uma velha casa, no centro da vila, e me disse que os M. sempre habitaram esta grande casa, que hoje está dividida em apartamentos. Fiquei sozinho em frente a ela e uma enorme comoção me fez chorar como uma criança. Eu via meu bisavô brincar na rua, subir as escadas e ir dormir. Eu não acreditava nos meus olhos. Eu esperei à noite e retornei para vê-la, verifiquei que ninguém estava nos arredores e arranquei estes pedaços de tijolos da parede da casa. Depois eu fui ao jardim e peguei a terra. Eu fiz isto para ter aqui no Brasil um *souvenir* da casa de meu bisavô e da terra que meus ancestrais trabalharam. (E.M. Farroupilha, Rio Grande do Sul, novembro de 1999)

A terra é o *souvenir* mais emocionante e radical. No filme de Steven Spielberg, “O resgate do soldado Ryan”, há uma sequência inesquecível: um soldado americano, que desembarca sob o tiro das metralhadoras, se inclina, abre um pequeno pote e insere nele um pouco da terra da Normandia, como *souvenir*.

O objeto natural, subtraído de sua naturalidade, está carregado de um outro valor. A terra e os pedaços de tijolos na vitrine não são reconhecíveis como vênets, mas foram carregados de autenticidade e de um valor de “objeto signo” na memória do Senhor M.. O verdadeiro *souvenir* nasce para ser transformado e carregado de sentido porque é a intenção que transforma um objeto em *souvenir*, seja ele natural ou objeto comum.

Expor um *souvenir* de viagem em sua casa é um ato que, através de um processo de simbolização, reenvia à experiência vivida em um determinado território fazendo reviver os eventos, com tranqüilidade, ressuscitando, entretanto, todas as emoções.

A predação faz parte, frequentemente, da história destes objetos. O “saque”, que caracterizou a história dos deslocamentos das obras de arte ao curso dos séculos XVIII e XIX, existe ainda hoje de maneira mais controlada e “politically correct”²⁵. Não se arranca mais, ou menos se espera, pedaços do Partenon como *souvenir* de viagem – Chateaubriand, deplorando que Lord Elgin tenha saqueado a Acrópole de Atenas para transferi-la ao *British Museum*, confessa em seu diário íntimo ter enfim, ele também, retirado um pequeno pedaço de mármore como *souvenir*...²⁶ – mas, há vinte anos, entretanto, nós tivemos necessidade de recolher pedaços do muro de Berlim para nos lembrarmos do fato histórico.

A terra e os pedaços de tijolos arrancados à parede, o saque do Sr. M., tornam-se objetos da memória, um patrimônio, verdadeiros “totens identitários”.

A ideia forte do *souvenir* – levar para se lembrar – se baseia no laço entre a experiência subjetiva do lugar e o objeto destinado a evocá-lo. Este último exprime o *genius loci*, o espírito e as características notáveis de seu contexto de origem. Às vezes ele se parece com um “resumo” das atrações naturais e culturais de um território. Ele é vivido e comprado – ou arrancado ou saqueado – pelos estrangeiros como um objeto que

²⁵ N.T.: Em inglês no original.

²⁶ CANESTRINI, D.. *Trofei di viaggio. Per un'antropologia dei souvenir*. Torino: Bollati & Boringhieri, 2001, p. 29.

tem um valor de testemunho porque ele contém um passado tradicional e é a quintessência de um alhures idealizado.

Considerando a viagem que os descendentes fazem ao Vêneto como peregrinação, poderíamos também considerar os pedaços de tijolos e a terra do senhor M. como relíquias. Se estes, *souvenirs* religiosos – fragmentos da cruz e dos corpos santos em caixas de madeira –, tinham o poder de unir o presente e o passado cristão e eram consideradas como demonstrações da veracidade da fé, as “reliquias contemporâneas” não devem lembrar a evidência deste pertencimento cultural e certificar a passagem pela terra sagrada das origens?

E, enfim, como funciona hoje, face ao *boom* econômico brasileiro, a relação com o Vêneto, o fato econômico tem repercussões sobre os jogos identitários? Há renegociações?

Um novo campo de pesquisa se abre.

Tradução: Dra. Luciana Murari
Revisão: Ms. André tessaro Pelinser